



“O QUE VOCÊ QUER QUE EU FAÇO?” – UMA ANÁLISE DO USO DO MODO VERBAL INDICATIVO PELO SUBJUNTIVO NA FALA DE CÁCERES-MT

“WHAT DO YOU WANT ME TO DO?” – AN ANALYSIS OF THE USE OF THE INDICATIVE VERB MODE BY THE SUBJUNCTIVE IN THE SPEECH OF CÁCERES-MT

Beatriz Arruda Acosta Ferreira da Cruz (PPGL/UNEMAT-Cáceres)¹

beatriz.acosta@unemat.br

Daniela Angélica Borges Foletto (PPGL/UNEMAT-Cáceres)²

daniele.foletto@unemat.br

Priscila Borges Coutinho (PPGL/UNEMAT-Cáceres)³

priscila.borges@unemat.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar o uso do modo verbal subjuntivo, na fala de falantes da comunidade de Cáceres-MT. Motivada pelos estudos sociolinguísticos e pela nossa experiência nessa comunidade, observamos o uso desse tempo verbal em situações de comunicação diversas, nas quais acontece a troca do modo verbal subjuntivo pelo modo indicativo, como por exemplo: “**O que você quer que eu faço?**” ao invés de “**O que você quer que eu faça?**” Essa forma peculiar de expressão é usada por falantes reais, em práticas específicas e, portanto, um fenômeno relevante para investigação. O estudo está fundamentado na perspectiva da Sociolinguística, à luz da Teoria da Variação Linguística, e utiliza uma abordagem de cunho quanti-qualitativo, na análise de entrevistas. Delimitamos os fatores sociais *sexo, faixa etária e escolaridade*, para a observação do uso desses tempos. Os resultados apontaram que as duas formas verbais são usadas de forma praticamente igual, com poucas diferenças entre uma e outra. Entretanto, dentre as variáveis sociais analisadas, destacamos o resultado da variável *sexo*, visto, neste estudo, os homens lideraram o uso da forma padrão – modo subjuntivo, enquanto os estudos sobre variação dessa natureza, geralmente, indicam que as mulheres usam a forma padrão, com maior frequência.

PALAVRA-CHAVE: Linguística. Variação linguística. Modo verbal subjuntivo.

ABSTRACT: This article aims to investigate the use of the subjunctive verbal mode in the speech of speakers from the community of Cáceres-MT. Motivated by sociolinguistic studies and our experience in this community, we observed the use of this verb tense in different communication situations, in which the subjective verbal mode is exchanged for the indicative mode, such as: “*What do you want me to do?*” using with a different conjugation. This peculiar form of expression is used by real speakers, in specific practices and is therefore of relevant importance for investigation. The study is based on the perspective of Sociolinguistics, considering the Theory of Linguistic Variation, and uses a quantitative-qualitative approach in the analysis of interviews. We delimited the social factors of gender, age group and education,

¹ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Campus de Cáceres- MT.

² Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Campus de Cáceres- MT.

³ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Campus de Cáceres- MT.



to observe the use of these times. The results showed that the two verb forms are used practically equally, with few differences between one and the other. However, among the proven social variables, we highlight the result of the sex variable, since, in this study, men led the use of the standard form – subjunctive mood, while studies on variations of this nature generally indicate that women use the standard form, more frequently.

KEYWORDS: Linguistic. Linguistic Variation. Subjunctive verb mood.

Introdução

Se ser humano não é ser bicho nem deus, se é ser em sociedade, e se ser humano é ser na e pela linguagem, desvincular linguagem e sociedade deveria ser uma impossibilidade lógica, tanto quanto querer preservar a essência da água dissociando o oxigênio do hidrogênio que fazem ela ser o que é.

(Bagno, 2017, p. IX)

Em detrimento de uma língua isolada de fatores sociais, que ignora os usos que os falantes fazem dela e, portanto, as visões fluidas e heterogêneas da sociedade contemporânea (Rampton, 2006), a sociolinguística tem como objeto de estudo a língua observada, descrita e analisada em seu contexto social, com atenção às práticas específicas de uso e aos fatores de caráter social, imbricados no funcionamento do sistema linguístico acionado pelos falantes.

Atentando-se ao modo como a língua é configurada pela sociedade (Bagno, 2017), o linguista William Labov é o pioneiro nos estudos do ramo da sociolinguística denominada variacionista. Essa vertente investiga formas variáveis da língua em uso, em comunidades de fala, ignorando os pressupostos da norma padrão ou “culto”, uma vez que esta ancora-se nas relações internas do sistema linguístico.

Neste artigo, por exemplo, os pressupostos da sociolinguística variacionista nos motivaram a estudar a troca do modo verbal subjuntivo pelo modo indicativo, na cidade de Cáceres-MT. Observamos, na comunicação entre os nativos dessa comunidade, que o falante cacerense em situação de comunicação utiliza a expressão “O que você quer que



eu faço?” ao invés de “O que você quer que eu faça?”. Decidimos, então, fazer um estudo sistemático sobre esse fenômeno linguístico, em condições de uso.

Assim, desenvolvemos uma pesquisa descritiva, de cunho quantitativo, seguindo uma proposta da sociolinguística quantitativa laboviana, porém, com um caráter também qualitativo, uma vez que exploramos características dos falantes e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. Apresentamos, neste artigo, um recorte dos dados de fala, coletados através de entrevistas com nativos da comunidade, utilizando um aparato teórico-metodológico condizente com Teoria da Variação Linguística. Atentamo-nos à manutenção da sintonia a relação teoria e método, conforme observa Tarallo (2003, p. 18).

Para a formação do *corpus* e organização dos dados da pesquisa, selecionamos células sociais, tendo em vista três fatores: *sexo*, *idade* e *escolaridade*, os quais supomos que exerciam influência sobre o uso da variação estudada. Organizamos o *corpus* co a premissa de que o número de células oriundas da combinação entre os fatores seria suficiente para tornar a amostragem representativa para o estudo.

Este artigo está organizado do seguinte modo: a primeira seção traz um breve percurso da história do município de Cáceres, focalizando também o processo de migração, pois acreditamos que o fenômeno aqui estudado é fruto de uma mistura de falas trazida de outras regiões do País. Em seguida, apresentamos a fundamentação teórica, que tem como base a Teoria da Variação Linguística, proposta por Labov (1994). A metodologia utilizada para coleta dos dados da análise encontra-se na sequência. Na terceira seção, tratamos da análise dos dados, seguida dos resultados e das considerações finais.

1.0 Histórico do contexto: a origem da cidade de Cáceres

Cáceres é uma cidade do interior de Mato Grosso e está localizada a 220 km da capital Cuiabá, à margem do Rio Paraguai, e faz fronteira com a República da Bolívia. Fundada no dia 06 de outubro de 1778, por ordem Capitão-General português Luiz de



Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, teve como primeiro nome Vila Maria do Paraguai, em homenagem à rainha D. Maria I.

Pertencente à Capitania de Mato Grosso, Cáceres antes mesmo de sua fundação, era muito importante para a coroa portuguesa, implementada pela rainha D. Maria I, que via em Cáceres a possibilidade de garantir a fronteira Oeste do Brasil, e, assim, contribuir na demarcação da fronteira setentrional da América do Sul, fortemente ameaçada pelos espanhóis, que disputavam com os portugueses pelo domínio dessas terras brasileiras.

A cidade foi por muito tempo dominada por portugueses, proprietários de fazendas, como a fazenda Jacobina, tida como um dos mais importantes estabelecimentos agropastorais da região. Devido à proximidade com a fazenda Jacobina e também por sua localização geográfica, próxima às margens do Rio Paraguai, Cáceres, conseguiu se desenvolver rapidamente (Mendes, 2009).

Somente no ano de 1859, Cáceres foi elevada à Vila pela lei nº1 de 28 de maio. Ao longo de sua história, Vila Maria do Paraguai foi-se desenvolvendo e passando dos limites da categoria recebida, até então, graças ao desenvolvimento de sua pecuária, às indústrias extractivas e também à facilidade que a Vila oferecia para a navegação fluvial.

Posteriormente, em 23 de junho de 1874, Vila Maria foi elevada à categoria de cidade e recebe o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro São Luiz de França e ao seu fundador. Como cidade portuária Cáceres passou a ganhar destaque. Entre 1870 e 1930, foi registrado um importante período de navegação, envolvendo o porto de Cáceres, que partia do Uruguai, passando pela Argentina, Corumbá, Cáceres e terminando em Cuiabá, com o intuito de levar mercadorias para o Mato Grosso. Com isso, vieram muitos viajantes nacionais e estrangeiros.

Em 1938, a cidade passou a ser chamada apenas Cáceres, mas é a partir do ano de 1950 que as mudanças, rumo ao desenvolvimento, começaram a ser mais intensas e frequentes em Cáceres e região.



1.1 O processo migratório: novos falantes e o período de desenvolvimento

A partir do ano 1950, o processo de migração acelerou, aumentando em pouco tempo a população da cidade, que registrou 19.226 habitantes, saltando para 115.564 habitantes em 1975 (segundo estimativa feita pelo IBGE, no censo de 1970).

A chegada de uma nova população migratória, causada pelo desenvolvimento agrícola, mudou o perfil de Cáceres, cuja ligação com a capital Cuiabá, foi se intensificando à medida que melhoravam as condições da estrada que ligava as duas cidades. Essa valorização do setor agrícola em Cáceres motivou ainda mais os imigrantes a virem para a região, em função dos benefícios nela encontrados.

Este fato impulsionou a formação de novos grupos de diferentes núcleos socioeconômicos que existiam, fazendo com que os distritos vizinhos, sendo eles Mirassol d'Oeste, Salto do Céu, Jauru, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda, São José dos Quatro Marcos, Araputanga, Reserva do Cabaçal, Figueirópolis d'Oeste, Porto Estrela, Glória d'Oeste, Lambari d'Oeste, Rio Branco e Curvelândia se emancipassem de Cáceres, reduzindo sua área geográfica e consequentemente dividindo sua população.

Se, de um certo modo, a vinda de migrantes significou progresso, por outro, a região foi tomada por uma população de colonizadores que acabou por expulsar os moradores locais que não tinham documentos que garantissem a posse daquele determinado pedaço de terra, dando lugar a empresas agropecuárias, informado por Souza:

[...] a primeira corrida foi no sentido de aquisição de terras devolutas que, vendidas posteriormente, possibilitaram a fixação do homem à gleba, surgindo, como que da noite para o dia, núcleos agrícolas, povoados e verdadeiras cidades, através dos vales dos rios Seputuba, Cabaçal, Jauru e Branco (Souza, 2005, p.14 *apud* Luz 2008, p.14)



Esse grande fluxo de migrantes internos, vindos de várias partes do Brasil como: São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, etc. que se fixaram na região de Cáceres, bem como nos povoados vizinhos, ocasionou um forte impacto nas estruturas político-sociais, econômicas e culturais da região.

Considerando Cáceres uma região de fronteira, segundo Bisinoto (2007 citado por Mendes, 2009) teve no seu início constitucional uma população característica de índios, negros escravos, portugueses e espanhóis, pode-se imaginar o quanto essas transformações foram determinantes para a constituição das características dadas hoje ao seu falar, denominado por alguns estudiosos, como falar de bugre, falar cacerense.

Em 1960, com a construção da ponte Marechal Rondon sobre o rio Paraguai, que tinha como propósito facilitar o comércio para a região noroeste do Estado, intensificou-se ainda mais o processo migratório para a região. A possibilidade de ganho de dinheiro mais fácil, não só em relação à região de Cáceres, como no que se refere ao estado de Mato Grosso como um todo atraiu muitos migrantes, que vieram para o Mato Grosso em busca de melhores condições de vida, uma vez que o comércio no Estado se mostrava promissor. Dentre as cidades escolhidas, as que mais receberam imigrantes foram: Cáceres, Corumbá e Cuiabá, em função dos seus portos, segundo Siqueira (2002).

Esses migrantes vinham de várias regiões do país, mas em maior número do Sul e Sudeste, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo. O processo de migração teve início nos anos 1950, mas se tornou mais intenso entre 60 e 70, que contribui para o aumento significativo da população. Esse fluxo migratório gerou uma movimentação intensa no setor agrícola, tornando Cáceres um importante polo tanto para Estado, quanto para o País.

A cidade destaca-se também como polo turístico, contando como pontos turísticos, não só as paisagens pantaneiras, o “Marco do Jauru”, importante obra arquitetônica que marcou a história da região, localizado na praça central Barão do Rio Branco, onde se encontra também a Catedral de São Luiz, outra atração também importante. Ainda em relação a seus aspectos turísticos, Cáceres sedia o Festival Internacional de Pesca (FIP), que ocorre anualmente desde 1980.



Atualmente, a cidade também se destaca como polo estudantil, sediando a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), que atrai para a cidade estudantes de várias regiões do país.

Na próxima seção discorremos sobre a base teórica que guiou este estudo.

2.0 A Sociolinguística

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não seja social.

(Labov, 1972)⁴

Embora seja pertinente a lógica de Labov, a Sociolinguística é classificada como uma subárea da linguística, que trata da relação entre língua e sociedade, estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e por isso, segundo Cezário & Votre (2008), não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

Com o crescente interesse pelo estudo da linguagem em uso no contexto social, Camacho (2001) afirma que sugeriram diferentes enfoques que se abrigam no bojo da Sociolinguística como decadência e assimilação de línguas minoritárias, desenvolvimento do bilinguismo em nações socialmente complexas, planejamento linguístico em nações emergentes. Esses enfoques da *Sociologia da Linguagem* são considerados ramos das ciências sociais, na medida em que consideram os sistemas linguísticos como instrumentais em relação às instituições sociais.

Outra área de estudos que, segundo Camacho (2001), também se abriga sob o rótulo da Sociolinguística, é a *Etnografia da Comunicação* que se interessa por descrever

⁴ Tradução de Marcos Bagno (2008, p. 13)



e analisar as formas dos ‘eventos de fala’, especificamente, as regras que regem a seleção que o falante utiliza em função dos dados contextuais relativamente estáveis, a relação que o falante contrai com o interlocutor, como espaço e tempo e, sobretudo, as regras que dirigem o modo como cada participante sustenta a interação verbal em uso. Esses estudos, ligados à análise da conversação, encontram abrigo no âmbito *Sociolinguística Interacional*.

Conforme apresentamos na introdução deste artigo, outra área da Sociolinguística, que embasa muitos trabalhos já realizados nas três últimas décadas, é a *Sociolinguística Variacionista*, cujos pressupostos desenvolvemos neste estudo.

2.1 A Sociolinguística Variacionista

A vertente da sociolinguística variacionista concebe a relação língua e sociedade é vista como indispensável. Tal relação, segundo Tarallo (2003, p.29) defendida pelos seguidores do modelo de concepção estruturalista da linguagem das décadas 20 e 30, foi abandonada pela escola gerativo-transformacional, para a qual “o objeto dos estudos linguísticos é a competência linguística do falante-ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea”. Porém, a cada situação de fala, que observamos e até mesmo participamos, percebemos que a língua falada é heterogênea e diversificada. E é essa situação de heterogeneidade da língua que a Sociolinguística se propõe a analisar e sistematizar.

Como a linguagem é um fenômeno social, necessário se faz recorrer às variações, derivadas do contexto social, procurar processar, analisar e sistematizar o universo da língua falada de comunidades linguísticas, para encontrar respostas para os problemas que surgem da variação, inerente ao sistema linguístico, e assim poder justificar que a diversificação linguística entre falantes de uma comunidade não os impede de se comunicarem uns com os outros.

Assim, a Sociolinguística Variacionista tem como enfoque a relação entre a estrutura linguística e a social. Procura correlacionar as variações existentes na expressão



verbal a diferenças de natureza social, procurando entender cada domínio, linguístico e social, como fenômenos estruturados e regulares. De acordo com essa abordagem, a variação na fala não é um resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes de uma língua, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos que possibilita a variação linguística.

Com base nos postulados da Sociolinguística, é possível entender, através de uma explicação linguística coerente e sistemática, como enunciados alternativos e igualmente disponíveis à seleção do falante se comportam no sistema linguístico de determinada língua. Na observação dos usos que se fazem de uma língua em situações comuns de interação, é possível observar que a linguagem em uso apresenta variações que podem ser explicadas através da Sociolinguística, em um trabalho de análise e sistematização dos fenômenos apresentados.

Conforme discorremos anteriormente, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação Linguística tem o linguista americano William Labov como precursor. Esse modelo de análise, sugerido por Labov, de acordo com Tarallo (2003 p. 7), “apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo”. Foi William Labov quem voltou a insistir na relação entre língua e sociedade como também na possibilidade de sistematizar a variação própria da língua falada. Esse modelo de análise linguística é conhecido também por *Sociolinguística Quantitativa*, por operar com números, dando um tratamento estatístico aos dados coletados para análise.

Um dos objetivos da Sociolinguística é entender quais são os principais fatores que condicionam uma variação linguística, e qual a importância que cada um desses fatores exerce na configuração do quadro que se mostra variável. Um estudo, à luz da Sociolinguística Variacionista, procura não só processar, analisar e sistematizar o universo da língua falada, assim como verificar o grau de estabilidade de um fenômeno variável, se está no início ou no final da trajetória que aponta para uma mudança linguística. O linguista, ao estudar um fenômeno variável, procura entender os diversos domínios da variação, deve demonstrar como a variação se configura na comunidade de



fala, assim como mostrar os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem a variação investigada.

Por se tratar de um objeto que apresenta uma variação gramatical, apresento no tópico seguinte, uma breve explicação sobre esse fenômeno pela luz da gramática tradicional.

2.2 Gramática Tradicional

A Gramática Tradicional, cobrada nas escolas, nos concursos públicos é também denominada de Gramática Normativa. Na busca de instituir uma maneira correta de usar a língua, através da orientação normativa ditada por ela, a gramática tradicional provoca uma visão preconceituosa em relação ao uso da linguagem, instituindo como culta a língua dos falantes que se utilizam dos padrões gramaticais para se comunicarem. Entretanto, segundo Martellota (2008, p. 45) “a gramática tradicional não fornece aos estudiosos da linguagem uma teoria adequada para descrever o funcionamento gramatical das línguas”.

De acordo com a sua história, essa gramática se originou de uma tradição de estudos de base filosófica iniciado na Grécia antiga, como já foi dito. Segundo Martellota, os filósofos gregos, entre eles Platão e Aristóteles, se interessaram por estudar a linguagem, porque queriam entender aspectos associados à relação entre a linguagem, o pensamento e a realidade. Os gregos discutiram a relação entre as palavras e as coisas que elas representam. Alguns viam nas palavras a imagem exata do mundo, outros, por considerarem as palavras criações arbitrárias dos seres humanos, consideravam-nas incapazes de refletir com perfeição a realidade.

Aristóteles era o que melhor caracterizava a tradição com a visão de que existe uma forte relação entre linguagem e lógica. A partir dessa visão, desenvolveu-se a tendência de se considerar a gramática como um estudo relacionado à disciplina filosófica da lógica, que trata das leis de elaboração do raciocínio. Conforme essa visão, “a linguagem é um reflexo da organização interna do pensamento humano”. E essa



organização interna é considerada universal, já que, “por ser inerente aos seres humanos se manifesta em todas as línguas do mundo”. Para Aristóteles, a lógica seria o instrumento que precede o exercício do pensamento e da linguagem, oferecendo-lhes meios para realizar o conhecimento e o discurso, de modo que para Aristóteles, a lógica buscava descrever a forma pura e geral do pensamento, não se preocupando com os conteúdos veiculados por ela (Martellota, 2008, p. 45-6).

Ainda relacionado à visão aristotélica, está o fato de que o mundo em que vivemos possui existência independente de nossa capacidade de expressá-lo. Isto é, conhecemos o mundo exterior pelas impressões que este provoca em nossos sentidos, e a linguagem seria uma simples representação de um mundo já pronto, um instrumento para nomear ideias preexistentes. Alguns autores denominam esses princípios de *fundacionalismo* e outros de *realismo* (Martellota, 2008, p. 45-6).

A preocupação normativa, apresentada pela gramática grega, além da preocupação filosófica, levava essa gramática a assumir a incumbência de ditar padrões que refletiam no uso ideal da língua grega. Essa tendência normativa está representada na atitude dessa gramática de impor o dialeto ático como ideal.

A tradição da gramática grega, bem como seu aspecto normativo, vem a se refletir na Gramática Tradicional do português, visto que os princípios básicos dessa gramática foram adotados pelos romanos e adaptados à língua latina, da qual proveio a língua portuguesa, principalmente o aspecto normativo, já que para o crescimento do Império Romano tornava-se imprescindível uma unificação linguística. O latim, enquanto língua de erudição, e de prestígio, por ser adotada pela Igreja, conservava ainda mais a atitude normativa, com o objetivo de conservar o latim puro como língua universal de cultura entre as novas línguas vernáculas.

Até o século XVI, quando do surgimento das primeiras gramáticas das línguas faladas no mundo da época, as gramáticas latinas ainda eram fonte de inspiração, e serviam de modelo para as novas línguas, servindo de base para a descrição das línguas vernáculas da Europa. Essa influência durou até o surgimento da Gramática de Port Royal, publicada em 1660. Porém, essa visão de base aristotélica perde força com o



surgimento dos primeiros linguistas no século XIX, só sendo mais tarde retomada por Chomsky e pelos linguistas gerativistas.

Com o fortalecimento do pensamento linguístico, podemos dizer que a proposta teórica denominada aqui de Gramática Tradicional tem seu caráter normativo criticado pela linguística moderna, bem como seus padrões de correção impostos aos usuários da língua sobre as restrições de combinação dos elementos linguísticos. Todavia, essa influência dos padrões de correção impostos pela Gramática Tradicional tende a crescer à medida que aumenta o nível de escolaridade do falante ou o grau de formalidade exigido pelo contexto de uso, como mostram os resultados de trabalhos feitos na área da Sociolinguística. Por ser o objeto investigado na fala da comunidade que motivou este estudo, na seção a seguir, discorremos brevemente sobre a classe gramatical *verbo*.

2.2.1 A fala e os modos verbais

O título deste artigo “O uso do modo verbal indicativo pelo subjuntivo na fala de Cáceres-MT” nos conduz a fazer algumas considerações sobre essa classe gramatical, focalizando especificamente *modo*, *tempo* e *pessoa* do verbo.

De acordo com Bechara (2001, p. 209) “Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

O sistema verbal das línguas românicas, em especial o português, para Coseriu é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família. As categorias, por exemplo, podem ser determinadas linguisticamente ou ser determinadas pelo discurso. Em relação à categoria *número*, por exemplo, o plural pode ser determinado pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto que em relação à categoria *pessoa*, não se pode definir do mesmo modo a 1^a pessoa do singular ‘eu’, porque é sempre a pessoa que fala, uma categoria determinada pelo discurso.



A categoria *modo*, de acordo com Coseriu, afeta os participantes do discurso, é determinante de relação. O *modo verbal*, por exemplo, assinala a posição do falante no que se refere à relação entre a ação verbal e seu agente, ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como algo verossímil, - como fato incerto -, como ação condicionada, como ação desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc.

O *modo indicativo*, conforme o sentido que expressa, o falante pode considerar a ação como algo feito, verossímil: eu canto. O *modo subjuntivo* (conjuntivo) expressa hipótese, possibilidade, desejo. O falante pode considerar a ação como um fato incerto: Talvez cante

No que se refere à categoria *tempo*, o tempo presente se refere a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que se fala: eu canto.

De acordo com Bechara (2001), quando se usam as formas: Canto (1^a pessoa do singular do presente do indicativo) - Cante (1^a pessoa do singular do presente do subjuntivo) aqui temos a mesma pessoa, o mesmo número, mas não o mesmo modo. Trata-se de oposição da mesma espécie que afeta apenas o conceito da categoria *modo*. Para Bechara (2001, p.210), as oposições tanto podem ser simples como podem ser complexas. Simples quando no caso só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, e complexa quando a diferença de conteúdo se dá em três categorias, por exemplo, pessoa número e modo.

Quando em uma situação de comunicação, o falante opta pelo uso do exemplo (1) a invés do exemplo (2), ou seja:

- 1) O que você quer que eu *faço*?

Ao invés de:

- 2) O que você quer que eu *faça*?

Ou ainda pelo uso do exemplo (3) ao invés do exemplo (4)

- 3) Quero que você faz.

Ao invés de:

- 4) Quero que você faça.

No caso, ele cometeu uma oposição simples, isto é, da mesma espécie, afetando apenas o conceito de uma categoria *modo verbal*.

Considerando que, conforme a Gramática Normativa, o modo subjuntivo expressa hipótese, possibilidade, dúvida, desejo os exemplos (2) e (4) são os que estariam em conformidade com a norma padrão. Até porque a escolha entre os dois modos subjuntivo e indicativo é fundamental para se entender o sentido da frase. Pois, analisando a frase (3), por exemplo, com o verbo no indicativo *faz*, considerando que o modo indicativo, conforme a gramática, é determinante, verossímil meu querer não é suficiente para que você faça algo, uma vez que só você decide pela sua ação.

3. Metodologia

Para a realização deste estudo, utilizamos a metodologia própria da Teoria da Variação Linguística. O corpus aqui analisado consta de um total de 54 entrevistas gravadas e transcritas. Essa amostra de fala foi coletada de nativos da comunidade de Cáceres, para formar o corpus que serviu de base para a análise. Por esse artigo se tratar de um pequeno recorte da pesquisa, não me atentarei aqui aos detalhes em relação as céulas de pesquisa. Entretanto, é importante frisar que para trabalhos dessa natureza, Labov sugere um número de 5 informantes por célula, porém, considerando o número da população da cidade, acreditamos que 3 informantes por célula são suficientes, em termos proporcionais, para garantir uma boa representatividade da amostra.

Sendo o fenômeno estudado um caso que aponta para um condicionamento social, consideramos relevante para a análise, apenas fatores extralingüísticos como sexo, idade e escolaridade. Portanto, a análise do fenômeno foi feita apenas com base nessas variáveis.

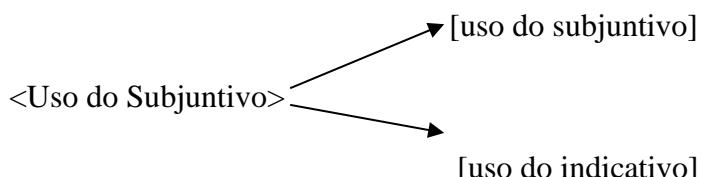
3.1 Análise

A análise que propomos volta-se para fatores extralingüísticos, ou seja, variáveis externas ao sistema linguístico, visto que supomos ocorrer um forte condicionamento das variáveis sociais: *sexo*, *idade* e *escolaridade* sobre o fenômeno linguístico investigado. Isto é, essas variáveis nos parece ser bons indicadores sociais, uma vez que em trabalhos realizados fora e também aqui no Brasil se mostraram relevantes, no sentido de favorecer o emprego das formas variantes de fenômenos já linguísticos investigados. Conforme Mollica (2003, p. 27), “As variáveis não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”.

Continuando o estudo da Alternância Subjuntivo/Indicativo, para ilustrar o estudo, apresentamos, na sequência, a variável linguística e as variantes a ela correspondentes:

Variável linguística: Uso do modo subjuntivo

Variantes: 1) uso do modo subjuntivo; 2) uso do modo indicativo.



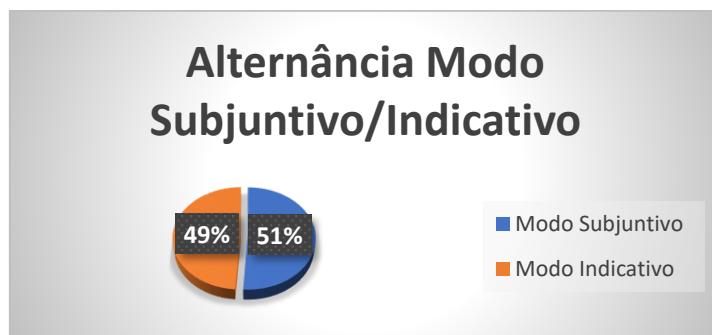
Como o uso das duas variantes foram relativamente iguais entre os falantes, com uma diferença mínima de apenas 1 (uma) ocorrência a mais no uso do modo Subjuntivo, mostraremos os resultados nas tabelas, considerando o uso apresentado pelas duas variantes.

Iniciamos apresentando a Tabela 1, que mostra o total geral de ocorrências relativas à Alternância Subjuntivo/Indicativo, assim como o total de ocorrências das duas variantes referentes a esse fenômeno, em particular, acompanhada do gráfico que

apresenta, com maior clareza, as frequências relativas às duas variantes do fenômeno em questão:

TABELA 1**Distribuição de uso das variantes - Alternância Subjuntivo/Indicativo**

Modo Subjuntivo		Modo Indicativo		TOTAL	%
N. Oco	% de Oco	N. Oco	% de Oco		
40	51%	39	49%	79	100%

GRÁFICO 1**Frequência de uso das formas subjuntiva e indicativa**

Verificamos, conforme os dados expostos na Tabela 1 e no Gráfico 1, que o uso do modo verbal indicativo, que se esperava uma ocorrência maior, por ser a variante inovadora, se mostrou menor que o uso do modo verbal subjuntivo. Porém, a diferença de uso entre essas duas variantes foi tão insignificante (49% de uso do modo verbal indicativo, contra 51% do modo verbal subjuntivo), que podemos considerar que as duas variantes atuam no sistema linguístico da comunidade de Cáceres com a mesma equivalência em relação ao uso.

Ao estudar a língua em uso em uma comunidade linguística, nos deparamos com a realidade de fenômenos em variação. E percebemos que os falantes da comunidade são homens e mulheres de diferentes idades, pertencentes a classes sociais diferentes,

desenvolvendo atividades diferentes, portanto, é natural que essas diferenças sociais exerçam influências na maneira de cada um dos falantes se expressarem. Por isso, é importante para a Teoria da Variação Linguística testar essas influências nos dados coletados em situações reais de comunicação da comunidade de fala. É o que nos propusemos a fazer, na sequência, com os dados de comunicação coletados da fala da comunidade focalizada, através da sessão dedicada aos condicionamentos sociais.

3.2 Condicionamentos Sociais

A hipótese levantada em relação aos *condicionamentos sociais* neste artigo era a de que o fenômeno aqui tratado estava fortemente condicionado por fatores sociais como: *sexo, idade e escolaridade*, variáveis cujos resultados estão registrados a seguir:

1) Variável Idade

Sobre a variável *idade*, nossa hipótese era a de que as pessoas mais jovens tendiam a usar mais a variante não padrão *uso do modo indicativo*, por ser neste estudo a forma inovadora em relação à Alternância Subjuntivo/Indicativo na comunidade de Cáceres. Vejamos o que a tabela 2 nos mostra em relação a essa variável:

TABELA 2

Efeito da variável *idade* no uso do modo Indicativo e Subjuntivo

IDADE	INDICATIVO	%	SUBJUNTIVO	%	Total OCO/%
13 – 20	18	64%	10	36%	28/35%
21 – 40	14	54%	12	46%	26/33%
+ 40	7	28%	18	72%	25/32%
TOTAL	39	49%	40	51%	79/100%



Como já registrado, observamos na Tabela 2 que a ocorrência mais significativa em relação à variável *idade* se dá no *uso do modo indicativo* entre os jovens, na faixa etária de 13 a 20 anos (64% de uso nessa faixa etária). Este resultado corrobora com o previsto neste estudo.

É interessante observar também, através dos dados da tabela 2 em relação ao *modo indicativo*, que o uso dessa forma verbal diminui à medida que a idade aumenta, ao contrário do *modo subjuntivo*, que o uso aumenta à medida que aumenta a idade do falante.

Esses resultados indicam que os mais jovens preferem a forma inovadora, embora sendo essa a forma não padrão, ou seja, a forma não reconhecida pelos padrões gramaticais da língua. Por outro lado, os participantes com mais idade optam pela forma padrão, a de maior prestígio social, registrando uma frequência de uso 72% entre os participantes com mais de 40 anos.

Ou seja, a diferença de uso em relação aos dois modos alternativos de falar se mostrou significativa no que se refere à idade, conforme mostra a tabela 2: Onde os mais novos preferem usar a forma indicativa (registrando 64% de uso entre os mais jovens na faixa etária de 13 a 20 anos) e os mais velhos dão preferência à forma subjuntiva (registrando 72% de uso entre os falantes com mais de 40 anos).

Com relação à distribuição de uso das variantes entre as faixas etárias, podemos dizer que os resultados da tabela 2 se mostraram importantes, o que nos permite considerar o fator *idade* como importante condicionador de uso entre os dois modos de expressão dos falantes, uma vez que as duas formas variantes mostraram uma equivalência de uso entre os falantes da comunidade.

Labov (1994), citado por Silva (2000, p. 66), em seu estudo sobre a *aquisição do inglês standard para crianças* percebeu a influência do meio em relação ao comportamento linguístico entre os jovens, em especial aqueles na faixa etária de 14 e 15 anos, fase em que estes começam a entrar em maior contato com o mundo adulto. Neste



estudo, atribuímos igualmente ao meio, o uso da variante inovadora, pelos cacerences mais jovens.

Embasadas no estudo de Monteiro (2000), que apontou ser um caso de mudança em progresso a variante verificada pelo fator faixa etária, quando a variação ocorre com maior frequência nos grupos de informantes mais jovens, inferimos que os dados apresentados na tabela 2 apontam para uma tendência a mudança em progresso.

Porém, tomando os dados no geral, percebemos que a equivalência de uso em relação às duas formas considerando que também nos aponta para uma variação estável, visto que a forma indicativa lidera entre os jovens na mesma proporção que a forma subjuntiva lidera entre os mais velhos.

Vejamos agora os efeitos da variável *Escolaridade* em relação ao uso das formas variantes do fenômeno em foco:

2) Variável *Escolaridade*

A variável *Escolaridade* foi também considerada em nosso trabalho não só pela relevância que esta variável apresentou em trabalhos a este semelhante, como pela sua importância em relação ao estudo aqui desenvolvido. Conforme Votre (2000) essa variável tem relevância em trabalhos dessa natureza, pelo fato de existirem dentro do contexto escolar as formas consideradas de prestígio no uso da língua, ou seja, aquelas que possuem maior status social no uso da língua, e as consideradas socialmente estigmatizadas. Posto isso, achamos pertinente testar o efeito desta variável neste trabalho.

Sobre a variável *Escolaridade*, a hipótese levantada em relação a essa variável, neste estudo, é a de que as pessoas com maior grau de escolarização usam mais a variante padrão, no caso o *modo subjuntivo*, por entenderem que a variante tida como padrão está em conformidade com a norma de prestígio.

A *Escolaridade* também se mostrou relevante no que se refere ao fenômeno focalizado, como mostram os resultados na tabela 3, a seguir:

TABELA 3

Efeitos da variável *escolaridade* no uso do modo Indicativo e subjuntivo

ESCOLARIDADE	INDICATIVO	%	SUBJUNTIVO	%	Total OCO/%
Ensino Fundamental	15	65%	8	35%	23/29%
Ensino Médio	18	72%	7	28%	25/32%
Ensino Superior	6	19%	25	81%	31/39%
TOTAL	39	49%	40	51%	79/100%

Os dados da Tabela 3 indicam que a frequência de uso maior em relação ao modo Indicativo (forma não padrão, ou variante inovadora), se deu no Ensino Médio, registrando (72% do total de uso desta forma, em relação ao uso das duas formas variantes), embora o índice de uso da variante *escolaridade* em relação ao ensino fundamental não tenha se mostrado tão distante do uso desta no ensino médio, como mostra a tabela.

Considerando que os falantes do ensino fundamental estão na faixa etária entre 10 a 15 anos, isto é, que nesta faixa etária se encontram os falantes mais jovens, esse resultado encontra respaldo no fator idade, visto que no Ensino Fundamental os jovens entre 10 a 15 anos têm um comportamento linguístico que aponta para uma adequação ao meio, isto é, esses jovens podem estar recebendo influência do meio, assim como concluiu o estudo de Labov (1994), no estudo sobre a aquisição do inglês standard para crianças.

Sobre a forma subjuntiva, padrão neste estudo, os falantes do ensino superior lideraram no que se refere ao uso, registrando um índice de 81% de uso desta forma. Esse resultado que vai ao encontro de nossas expectativas, visto que tínhamos a convicção de que as pessoas com maior grau de escolarização usariam mais a variante padrão, no caso o modo subjuntivo, como é tendência em estudos dessa natureza.

Observemos na sequência os efeitos da *variável sexo* em relação ao uso das formas variantes da Alternância Subjuntivo/Indicativo:

3) *Variável gênero/sexo*

A variável *gênero/sexo* assim como outras variáveis extralingüísticas sempre se mostrou um fator muito importante nos estudos das variações. A hipótese levantada neste estudo sobre esta variável é a de que as mulheres utilizam mais as formas padrão, ou formas de prestígio social do que os homens, no caso a forma subjuntiva.

Paiva (2015, p. 35) afirma que: “[...] estudos sobre processos variáveis do português apontam para o que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas”.

Vejamos o que nos revela os dados da tabela 4 em relação aos efeitos da variável sexo na alternância Subjuntivo/Indicativo:

TABELA 4

Efeitos da variável sexo no uso do modo Indicativo e Subjuntivo

GÊNERO/SEXO	INDICATIVO	%	SUBJUNTIVO	%	Total OCO/%
MASCULINO	19	47.5%	21	52.5%	40/51%
FEMININO	20	51%	19	49%	39/49%
TOTAL	39	49%	40	51%	79/100%

Neste estudo, a variável gênero/sexo se mostrou um fator menos relevante do que as demais variáveis aqui testadas. A diferença apresentada através das frequências de uso entre homem e mulher foi pouco significativa em relação ao uso das duas variantes (49% de uso das mulheres em relação à forma padrão modo subjuntivo, contra 52,5% de uso dos homens em relação a essa mesma forma).



Os resultados mostrados na tabela 4 vão de encontro às nossas expectativas no que se refere à variante padrão. Isto é, pelos resultados da tabela os homens e não as mulheres lideram no uso da forma subjuntiva com 52,5% de uso. Ao contrário da forma não padrão (modo indicativo), cujo uso as mulheres lideram com 51% de uso. Porém, as diferenças são pouco significativas em relação a uma forma e outra entre as mulheres e os homens. Sobre este resultado, Labov (1966), citado por Silva (2000, p. 70), em seus estudos sobre sexo e variação mostrou que as mulheres tendem a preferir formas socialmente valorizadas, o que não ocorreu neste estudo. Uma limitação que pontuamos sobre este resultado, é a de que a variável profissão não foi considerada, o que poderia ter apontado, de forma mais precisa, a conclusão sobre o uso da variante padrão por homens e mulheres.

Paiva (2015) afirma que as diferenças de sexo, ou seja, entre homens e mulheres, vão muito além de questões biológicas, diferem também na sua maneira de socializar e no papel que cada comunidade atribui aos homens e às mulheres, afetando, então diretamente os aspectos linguísticos.

Assim, os resultados deste estudo em relação a variável sexo divergiram do que previmos, porém, com diferenças pouco significativas em relação ao uso das variantes entre homens e mulheres.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo indicaram que, em relação à alternância das formas indicativas e subjuntivas, os falantes da comunidade de Cáceres fazem uso das duas formas alternativas de forma praticamente igual, com pouquíssimas diferenças entre uma e outra. Dentre as variáveis sociais aqui analisadas (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) nos surpreendeu os resultados referentes à *variável sexo*, visto que foram os homens e não as mulheres que lideraram no uso da forma padrão – modo subjuntivo, embora, apresentando pouca diferença de uso desta forma entre os dois sexos.

A variável escolaridade foi a que se mostrou mais relevante neste estudo, pois foram os falantes do ensino superior que lideraram o uso da forma subjuntiva, padrão



neste estudo, registrando um índice de 81% de uso desta forma, indo ao encontro das nossas expectativas e da tendência de estudos já realizados na área. A *idade*, por sua vez, se mostrou muito relevante em relação ao fenômeno analisado, cujos resultados mostram que os mais jovens preferem a forma inovadora, ou seja, a forma não padrão. Os falantes com mais idade, em contrapartida, optam pelo uso da forma padrão, a de maior prestígio social.

Como todo trabalho de pesquisa não se esgota em tudo o que é possível investigar sobre o assunto tratado, o presente estudo não é diferente. Aspectos relativos a fatores linguísticos, por exemplo, que não foram aqui pesquisados podem servir de objeto de pesquisa para investigações futuras, em relação à alternância do modo subjuntivo/indicativo.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística parte I**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTE, Anna Christina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática Fácil**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística parte II**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2007.
- CZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria M. Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MENDES, Natalino Ferreira. **História de Cáceres: História da administração municipal**. UNEMAT, 2009.



MOLLICA Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza, (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para Compreender Labov.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, p. 109-128.

SILVA, Mariza Pereira da. **Um estudo de variação dialetal a alternância de [ãw]~[õ] final no português falado na cidade de Cáceres-MT.** Dissertação (mestrado). Campinas, 2000.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. 1.Ed. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2003.

Recebido em: 03/05/2024 | Aprovado em: 20/07/2024

Publicado em: 11/07/2025
